

IFRN NEWS

REPORTAGENS

Entre a docência e o convívio, o IFRN mostra sua essência. Da formação docente ao “Dia do Bolo”, histórias que unem aprendizado e afeto. BLOCO DE REPORTAGENS - página 5.

ENTREVISTAS

Professora e estudante compartilham experiências sobre inclusão, ensino e o papel transformador da educação no IFRN. BLOCO DE ENTREVISTAS - página 10.

BIOGRAFIAS

Conheça as trajetórias inspiradoras da Prof.^a Dr.^a Candice Azevedo e da Prof.^a Dr.^a Vivianne Nascimento – exemplos de compromisso com a literatura e o ensino. BLOCO DE BIOGRAFIAS - página 8.

EDITORIA IFRN CELEBRA 20 ANOS COM SEMINÁRIO FOCADO EM LEITURA E CONEXÕES



Página 2



NOTÍCIA

Projeto do IFRN promove oficinas de Espanhol e integração cultural. Entre músicas, conversas e descobertas, alunos e professores constroem pontes entre idiomas e culturas. BLOCO DE NOTÍCIAS - página 4.

ARTIGO DE OPINIÃO

Um olhar crítico sobre a educação, a cultura e os desafios da formação docente no século XXI. ARTIGO DE OPINIÃO - página 12.

NOTÍCIA

De Escola de Artífices a uma rede com 22 campi: IFRN completa 116 anos celebrando sua trajetória de transformação. As comemorações destacam avanços recentes na extensão, como a ampliação do Mulheres Mil, e na captação de recursos. BLOCO DE NOTÍCIAS - página 5.

JORNALISMO LITERÁRIO

Nos textos desta edição, os licenciandos transformam a rotina em poesia e o cotidiano em reflexão. BLOCO DE JORNALISMO LITERÁRIO - página 13.

NOTÍCIAS

EDITORA IFRN CELEBRA 20 ANOS COM SEMINÁRIO FOCADO EM LEITURA E CONEXÕES

Por Maria Suelane Andrade dos Santos



**LEITURA E CONEXÕES: INTELIGÊNCIA, EMOÇÕES
E INCLUSÃO EM TEMPOS DIGITAIS**

Data: 20, 22 e 29 de outubro de 2025 (ver programação)
Locais: IFRN – Campus Reitoria e Campus Natal-Central



Imagem de divulgação do evento

A Editora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (Editora IFRN) celebrou seus 20 anos de existência durante a realização do IV Seminário da Editora IFRN. A celebração fez parte de uma programação conjunta com a II Semana do Livro e da Biblioteca do IFRN, que teve como tema “Leitura e Conexões: Inteligência, Emoções e Inclusão em Tempos Digitais”.

As atividades da Semana da Biblioteca ocorreram até o dia 24 de outubro, enquanto a programação do Seminário da Editora, marcando os 20 anos, estendeu-se até o dia 31. Os eventos aconteceram em múltiplos locais, incluindo o Campus Reitoria, onde ocorreu a abertura, e o Campus Natal-Central.

Um dos destaques da programação ocorreu no dia 22 de outubro, no miniauditório da DIAC/CNAT (Campus Natal-Central), com as atividades "Conexão Literária I: Clube do Livro da Editora do IFRN" e "Conexão Literária II: Clubes de Leitura em Diálogo". Esses encontros reuni-

ram leitores, autores, professores e estudantes para debater as múltiplas potências da literatura.

O evento promoveu um clima de confraternização e troca de experiências, contando com a participação de coordenadores, professores, licenciandos, bibliotecários da instituição e pesquisadores convidados, que puderam compartilhar seus conhecimentos e vivências literárias.

DUAS DÉCADAS DE CONHECIMENTO

Ao longo de seus 20 anos, a Editora IFRN consolidou seu papel na socialização do conhecimento, ultrapassando a marca de 250 títulos publicados. Ligada à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPI), a editora visa publicar a produção de servidores, de estudantes e da comunidade externa, alinhada à função social do IFRN de promover a formação humana integral.

As publicações abrangem cinco linhas editoriais: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária e cultural potiguar. Todas as obras emitidas pela Editora IFRN estão disponíveis gratuitamente para acesso no Repositório Institucional, o Memoria.

Fonte: (<https://portal.ifrn.edu.br/>)

II SEMANA DO LIVRO E DA BIBLIOTECA DO IFRN CELEBRA LEITURA, CONEXÕES E INCLUSÃO EM TEMPOS

Por Vitoria Oliveira da Silva



Imagem de divulgação do evento

A Biblioteca Central Sebastião Fernandes (BCSF) realizou, entre os dias 22 e 24 de outubro, a II Semana do Livro e da Biblioteca do IFRN (SeLiB), com o tema “Leitura e conexões: inteligência, emoções e inclusão em tempos digitais”. O evento reuniu estudantes, servidores e a comunidade externa em uma programação voltada a fortalecer o papel das bibliotecas como espaços de convivência, aprendizado e transformação social. Entre as principais atividades estiveram o Escambo Literário, que incentivou a troca de livros e o compartilhamento de histórias; o Chá com as Pretas, roda de conversa sobre a representatividade da mulher negra na literatura; e a oficina “Como usar os recursos da Web of Science”, destinada a estudantes e pesquisadores interessados em aprimorar suas pesquisas acadêmicas. Oficinas criativas de colagem e confecção de marca-páginas também integraram a programação, aproximando o público do universo da leitura de forma lúdica e interativa. Durante o evento, foi lançado o I Concurso de Poemas da BCSF, iniciativa que buscou incentivar a produção literária, dar visibilidade a novos autores e valorizar a escrita como forma de expressão cultural. Ao longo dos três dias, a II SeLiB reafirmou o poder da leitura como elo entre pessoas, saberes e culturas, celebrando o livro não apenas como objeto, mas como um agente de transformação social e intelectual.

1º CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS: EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E VULNERABILIDADES NAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS

Por Maria Heloyza Dias de Souza



4º SEMINÁRIO DE
EDUCAÇÃO EM
DIREITOS
HUMANOS

1º CONGRESSO
INTERNACIONAL DE
DIREITOS
HUMANOS

Imagem de divulgação do evento

Com o tema “Educação em Direitos Humanos e vulnerabilidades nas democracias contemporâneas”, o 1º Congresso Internacional de Direitos Humanos (CINDIH) será realizado entre os dias 9 e 12 de dezembro, reunindo pesquisadores e instituições para discutir acerca da educação, da cidadania e da inclusão social. O evento é uma parceria entre IFRN, UFRN, Ufersa e UERN, e contará com conferências, mesas-redondas, fóruns e também com apresentações orais. Junto ao CINDIH, acontecerão também o 4º Seminário de Educação em Direitos Humanos (SEDIH) – promovido pelo IFRN desde 2017, com ações dos núcleos NAPNE, NEABI, NUGEDI e NUARTE – e o 2º Colóquio de Teoria Social, Estado e Sociedade, organizado pelo Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Pororoca Social (UFRN). As atividades serão distribuídas entre a UFRN (Campus Natal) e o IFRN (Campi Natal-Central e Natal-Zona Leste), fortalecendo o diálogo sobre direitos humanos e diversidade no contexto educacional.

Fonte: (<https://portal.ifrn.edu.br/>)

PALESTRA PARA ALUNOS DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL

Por Adriano Justino dos Santos



Fonte: Adriano Justino dos Santos

O Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) realiza mais uma edição da série de palestras voltadas aos estudantes do curso de Letras Português e Espanhol. Desta vez, o encontro traz como tema “O poder das palavras: reflexões sobre linguagem, leitura e ensino”, propondo reflexões sobre como a linguagem influencia pensamentos, discursos e ações. A atividade acontecerá no auditório do Campus Natal-Central, no dia 13 de dezembro de 2025, às 9h, e pretende inspirar os futuros docentes a compreenderem o papel transformador da palavra na formação humana e social.

Fonte: (<https://portal.ifrn.edu.br/>)

“CUSCUZ DO CARLUZ” CONQUISTA PÚBLICO E VIRA PONTO TRADICIONAL EM FRENTE AO IFRN

Por Evllyn Monique Araújo de Lima

Há sete anos, Carlos Augusto Bezerra, 34, comanda o seu famoso “Cuscuz do Carluz”, que se tornou um ponto tradicional em frente ao IF. O vendedor iniciou o negócio em 2017, após perder o emprego, e viu o empreendimento crescer além das expectativas.

O cuscuz é o destaque do cardápio, que também oferece bolos, tortas, tapiocas, sucos e sanduíches. Com preços acessíveis e comida de qualidade, Carlos atrai diariamente estudantes, professores e visitantes.

Durante a pandemia, o vendedor contou com o apoio de uma vaquinha solidária organizada pelo professor Tiago, de matemática, o que o incentivou a continuar. Olhando para o futuro, Carlos sonha em expandir: “Quero crescer cada vez mais e ter um espaço melhor para atender”.

PROJETO DO IFRN PROMOVE OFICINAS DE LÍNGUA ESPANHOLA E INTEGRAÇÃO CULTURAL

Por Kesia Larissa da Luz Ovidio Silva

O Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Natal-Central, realiza o projeto “Conoce, comprende y dime, en español – Turismo 2025”. A iniciativa é do Núcleo de Estudos e Pesquisa de Espanhol como Língua Estrangeira no Brasil (NUPELE-Br) e foi aprovada pelo edital 01/2025 – PROEX/IFRN – Fluxo Contínuo. As atividades ocorrem às terças e quintas-feiras, das 18h30 às 20h40, no Setor de Línguas Estrangeiras.

O projeto oferece oficinas de Língua Espanhola com o objetivo de criar um espaço de aprendizagem dinâmico e interativo. A proposta busca desenvolver as habilidades de compreensão, expressão oral e escrita em espanhol, além de promover o contato com aspectos culturais dos países hispânicos.



Fonte: acervo pessoal de Kesia Larissa da Luz Ovidio Silva

As oficinas também servem como oportunidade de atualização para professores, futuros docentes e profissionais que mantêm contato com falantes nativos do idioma. Atualmente, o grupo conta com 14 membros, entre professores responsáveis pelas aulas, docentes de suporte e profissionais encarregados da elaboração do material didático.

A professora Maria Trinidad Pacherez Velásquez, coordenadora do projeto e docente de Espanhol do IFRN, destaca o entusiasmo com os resultados. “Este projeto reflete, de forma muito real, o que é o ensino de língua e cultura dentro do IFRN. É gratificante ver o envolvimento dos alunos e professores em um espaço de construção coletiva do conhecimento”, afirma.

Entre os participantes está Vanessa Caroline de Oliveira Macedo, formada em Letras – Espanhol pelo IFRN e atual estudante do curso de Espanhol/Português na instituição. Ela enfatiza a importância da iniciativa para sua formação docente: “Esse projeto é essencial para o meu crescimento profissional. Aqui trabalhamos com cultura, conhecimento e troca de experiências. Sou muito grata à professora Maria Trinidad e ao IFRN por essa oportunidade”.



Fonte: acervo pessoal de Kesia Larissa da Luz Ovidio Silva

A professora Nádia Lima da Silva, também formada em Letras – Espanhol pelo IFRN e responsável pelos materiais didáticos, compartilha do mesmo sentimento. “É uma

alegria poder contribuir para o aprendizado de tantos jovens. Faço tudo com muita dedicação e carinho”, relata.

Mais do que um curso de idiomas, o “Conoce, compreende y dime, en español – Turismo 2025” se consolida como um espaço de integração cultural e formação docente, reafirmando o compromisso do IFRN com a educação de qualidade e a valorização das línguas estrangeiras.

IFRN ABRE NOVAS VAGAS PARA CURSOS TÉCNICOS EAD GRATUITOS

Por Ana Beatriz Shammar Lima da Silva



IFRN – Campus EaD
Fonte: Ana Beatriz Shammar Lima da Silva

O Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) publicou o Edital n.º 54/2025-PROEN, que ofertou 80 vagas gratuitas para cursos técnicos subsequentes de nível médio, na modalidade a distância (EAD). As habilitações foram para Técnico em Administração e Técnico em Secretaria Escolar, ofertadas pelo campus Natal – Zona Leste, com início das aulas previsto para o primeiro semestre de 2026.

O processo seletivo foi destinado a quem já concluiu o ensino médio ou equivalente. A seleção ocorreu somente por análise de histórico escolar, sem prova objetiva, considerando a média das notas finais de língua portuguesa e matemática do último ano. Em caso de empate, os critérios de desempate foram: maior nota em Língua Portuguesa, seguida pela maior nota em Matemática e, por fim, maior idade.

As inscrições puderam ser feitas até as 23h59 do dia 23 de outubro de 2025, via sistema do IFRN, com taxa de R\$25,00 (com opção de isenção para candidatos do CadÚnico ou de baixa renda).

Metade das vagas foi reservada para estudantes que realizaram o ensino médio integralmente em escola pública. Houve também cotas específicas para pessoas negras, pardas, indígenas, quilombolas e com deficiência. Com a iniciativa, o IFRN busca ampliar a oferta de formação técnica de qualidade, com a flexibilidade do EAD, favorecendo a qualificação profissional em áreas administrativas e educacionais.

Fonte: (<https://portal.ifrn.edu.br/>)

IFRN CELEBRA 116 ANOS COM HOMENAGENS E REFORÇO DA EXTENSÃO

Por Ingryd Yasmin Pereira Soares da Silva

O Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) celebra, em 2025, seus 116 anos de história. Fundado em 1909 como Escola de Aprendizes Artífices, o instituto consolidou-se como uma das principais instituições do estado, hoje com 22 campi, articulando ensino, pesquisa e extensão.

As comemorações reforçam o compromisso com o futuro, destacando avanços recentes. A Pró-Reitoria de Planejamento (Prodes) celebrou a captação de mais de R\$ 100 milhões em recursos externos e a aprovação de um novo Regimento Geral. Já a Pró-Reitoria de Extensão (Proex) ressaltou o fortalecimento de suas ações, com mais de 400 projetos e a ampliação do programa Mulheres Mil para mil vagas.

A principal cerimônia ocorreu em 13 de março de 2025, no Teatro Riachuelo, em Natal, reunindo gestores, servidores e estudantes para homenagens e apresentações culturais. As celebrações incluíram também a exposição “Entre Tempos: Traços e Memórias”, no Campus Natal-Centro Histórico, com obras de estudantes inspiradas na trajetória da instituição.

O IFRN chega aos 116 anos reafirmando seu papel de destaque na educação brasileira e seu compromisso com o futuro, a inclusão e a transformação social pelo conhecimento.

Fonte: (<https://portal.ifrn.edu.br/>)

REPORTAGENS

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E PIBID: O FUTURO DA FORMAÇÃO DOCENTE EM DEBATE

Por Maria Emanuele dos Santos Faustino e Nariela Valéria da Silva

A valorização dos professores e a melhoria da formação inicial de licenciandos voltaram ao centro das discussões com a tramitação do Projeto de Lei nº 7.552/2014, que propõe a criação da residência pedagógica e o fortalecimento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A proposta busca aproximar a universidade da escola básica e garantir que futuros professores tenham experiências reais de sala de aula antes mesmo de se formarem.

Apresentado na Câmara dos Deputados em maio de 2014, o projeto pretende alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), acrescentando um parágrafo único ao artigo 65. Esse novo trecho estabelece que os professores em formação tenham acesso a uma residência pedagógica com duração mínima de 1.600 horas, acompanhada de uma bolsa de estudos, como etapa complementar da formação inicial.

Segundo o texto do projeto, o objetivo é “garantir ao futuro professor uma formação prática de excelência, com orientação direta de educadores experientes e inserção progressiva no ambiente escolar”. Na prática, o modelo funciona de forma semelhante às residências médicas, em que os estudantes aprendem atuando sob supervisão.

O relator do projeto destacou que a medida “pode contribuir para melhorar a qualidade da educação básica e reduzir a distância entre a teoria das universidades e a realidade das salas de aula”. Além disso, o substitutivo mais recente do PL incluiu o PIBID como parte do mesmo conjunto de ações voltadas à formação inicial de docentes. Assim, o PIBID e a Residência Pedagógica passariam a ser programas complementares, garantindo tanto a iniciação à docência quanto o aprofundamento prático na profissão.

IMPACTOS ESPERADOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Especialistas em educação apontam que o projeto representa um avanço importante. A professora Maria do Carmo, coordenadora de um programa de licenciatura em São Paulo, afirma que “muitos estudantes se formam sem nunca terem entrado em uma sala de aula como docentes. A residência pedagógica viria para preencher essa lacuna e preparar o futuro professor para os desafios reais da educação pública”.

Com a proposta, espera-se ainda uma valorização da carreira docente, já que o estágio supervisionado seria ampliado e acompanhado por bolsas financiadas pelo governo federal. Essa remuneração pode incentivar mais jovens a escolherem o magistério e reduzir a evasão dos cursos de licenciatura.

SITUAÇÃO ATUAL DA TRÂMITE

Atualmente, o PL 7.552/2014 está em tramitação na Câmara dos Deputados, analisado pelas Comissões de Educação, Finanças e Tributação, e Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC). O texto também foi apensado a outras propostas semelhantes, como o PL 5054/2016 e o PL

3970/2021, que tratam de políticas de formação docente e concessão de bolsas.

Ainda não há previsão de votação final, mas o debate sobre a residência pedagógica e o PIBID continua ativo em universidades e instituições de ensino superior, especialmente entre os estudantes de licenciatura que já participam desses programas.

O QUE PENSAM OS ESTUDANTES?

Entre os licenciandos, a proposta tem sido recebida com entusiasmo e expectativa. “A residência pedagógica seria uma oportunidade de aprender na prática e se sentir realmente preparado para dar aula”, comenta Júlia Fernandes, estudante de Letras e bolsista do PIBID. Para ela, a experiência direta com o ambiente escolar é fundamental para desenvolver habilidades que vão além da teoria — como empatia, gestão de turma e adaptação pedagógica.



Fonte: acervo pessoal de Nariela Valéria da Silva

UM PASSO PARA O FUTURO DA EDUCAÇÃO

Caso seja aprovado, o PL 7.552/2014 pode representar uma transformação significativa na forma como o Brasil prepara seus professores. Unindo teoria e prática, o projeto reforça a importância de investir na formação docente como base para a qualidade da educação básica.

Enquanto aguarda a decisão do Congresso, o tema continua mobilizando educadores, estudantes e gestores, que veem na proposta uma esperança concreta de melhoria na formação e valorização dos professores brasileiros.



Fonte: acervo pessoal de Nariela Valéria da Silva

O “DIA DO BOLO” SE CONSOLIDA COMO TRADIÇÃO NO IFRN: SABOR, AFETO E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

Por Alison Antunes Ramos, Leonardo Santos Tomé e Poliana Raquel dos Santos Silva

UMA TRADIÇÃO QUE NASCE DO COTIDIANO



Fonte: Cláudio Manuel Cao Gonzalez

O “Dia do Bolo” surgiu de forma espontânea, a partir do cardápio semanal elaborado pela equipe de nutrição do IFRN. Com o tempo, o simples bolo servido nos intervalos das aulas transformou-se em um verdadeiro evento interno, capaz de movimentar corredores, criar filas e gerar expectativas. Para muitos alunos, esse é o momento mais aguardado da rotina acadêmica — um pequeno prazer que alivia a correria e estreita laços entre colegas e servidores. “Os dias de bolo são diferentes, a gente percebe o clima no campus mudar”, conta Yasmin Cristina, estudante de curso superior do Campus Natal Central. “As pessoas se animam, a fila cresce, e todo mundo comenta o sabor da semana. Eu gosto mais do de milho, mas o de ovos também é muito bom”. Segundo ela, a movimentação é tanta que chega a impactar os horários das aulas. “As filas são grandes, e às vezes perco até 20 minutos de aula. Mesmo assim, vale a pena. O bolo virou um símbolo para nós”, comenta, com bom humor.

NUTRIÇÃO, AFETO E AGRICULTURA FAMILIAR

Por trás do sucesso do “Dia do Bolo” há um trabalho técnico e social conduzido pela nutricionista Dr^a. Flávia, que atua no IFRN desde 2007. Ela explica que o bolo é mais

do que um lanche saboroso — é também um instrumento de política alimentar e incentivo à economia local.

“Todo o bolo servido aqui é produzido por agricultores familiares da comunidade de Picos Pretos, em Lajes (RN). A compra é feita por meio de chamadas públicas, conforme determina a legislação federal, garantindo que parte dos recursos da alimentação escolar vá diretamente para produtores locais”, destaca a nutricionista.

A média diária é de 150 quilos de bolo, o que representa cerca de 1.300 a 1.400 porções servidas aos estudantes nos turnos da manhã, da tarde e noite. Em dias comuns, quando são oferecidos biscoitos, o número cai pela metade — em torno de 700 estudantes. Além do valor social, o preparo segue rigorosos padrões nutricionais e sanitários. “Nós exigimos que os bolos não contenham conservantes, nem excesso de açúcar. Já devolvemos produtos quando estavam muito doces. Nosso foco é aliar saúde, sabor e segurança alimentar”, afirma Dr^a. Flávia.

UM OLHAR HUMANO DENTRO DA SALA DE AULA

Para o professor Vanilton Pereira da Silva, o “Dia do Bolo” revela muito sobre o espírito da instituição e sua preocupação com a permanência estudantil. Ele destaca que a alimentação é um fator essencial no processo educativo. “O aluno não consegue se manter na escola se não estiver bem alimentado. A comida tem uma dimensão simbólica, afetiva e pedagógica. O bolo, nesse sentido, se tornou um elemento de união e de pertencimento”, afirma o docente.

Vanilton conta que é comum liberar os alunos alguns minutos mais cedo nos dias de bolo, para que consigam chegar ao refeitório antes que o lanche acabe. “As filas são longas, e, se eles saírem no horário, correm o risco de não comer. Então, como instituição humanizada, a gente entende e permite. É um gesto de empatia e compreensão com a realidade dos estudantes”, explica.

ALIMENTAÇÃO COMO POLÍTICA DE PERMANÊNCIA

O programa de alimentação escolar do IFRN é parte de uma política pública voltada à permanência e êxito dos estudantes. Muitos alunos dependem das refeições fornecidas pela instituição, especialmente aqueles de baixa renda ou que passam o dia inteiro no campus.

Para Dr^a. Flávia, o bolo simboliza também essa dimensão social. “Não é apenas uma sobremesa. É uma forma de acolhimento. Alimentar bem é cuidar. Quando o estudante sente que a escola se preocupa com isso, ele cria uma relação positiva com o espaço e com o aprendizado”, reflete. Além de promover bem-estar e saúde, o “Dia do Bolo” também impulsiona a agricultura familiar, contribuindo para a geração de renda e o fortalecimento da economia regional.

UMA TRADIÇÃO QUE VIROU PARTE DA IDENTIDADE DO IFRN

Ao longo dos anos, o “Dia do Bolo” deixou de ser apenas um item no cardápio e se transformou em uma tradição cultural do campus. “Desde os alunos do ensino integrado até os do ensino superior, todos falam sobre o bolo. Ele já faz parte da história do IFRN”, afirma o professor Vanilton.

O cuidado com a qualidade do alimento e o carinho da equipe de nutrição mantêm viva essa tradição, que vai muito além do paladar. “É um momento simbólico, que representa afeto, cuidado e pertencimento. Pequenos gestos como esse constroem uma comunidade mais humana”, conclui.

Entre sabores de ovos, milho e chocolate, o bolo do IFRN Natal Central conquistou mais do que paladares – conquistou o papel de símbolo institucional. Para alunos e servidores, é a prova de que educação e cuidado podem caminhar lado a lado. No campus, o “Dia do Bolo” é o ponto de encontro entre nutrição, cultura e afeto – um doce lembrete de que, em meio às aulas e desafios da rotina, um simples pedaço de bolo pode nutrir muito mais do que o corpo: pode alimentar também o sentimento de pertencimento e comunidade.

BIOGRAFIAS

DE CAMPINA GRANDE
AO IFRN: A JORNADA
DA PROF.^a DR.^a
CANDICE AZEVEDO

Por Ellen Cristina Ramos da Rocha e Jessica Natalia Lima Ferreira



Candice Firmino Azevedo
Fonte: acervo pessoal da Prof.^a Dr.^a. Candice Firmino Azevedo

Candice Firmino de Azevedo nasceu e cresceu no interior da Paraíba, na cidade de Campina Grande, em um bairro periférico chamado Presidente Médici. Filha de um serralheiro e de uma comerciante de calçados, teve sua infância marcada por dificuldades, principalmente

financeira, por estar inserida em um contexto de grande inflação, a década de 80.

Nos anos da educação infantil, estudou em uma escola de bairro chamada Crianças do Brasil. Posteriormente, no ensino fundamental um, estudou no SESI, que na época era uma instituição muito voltada para os filhos dos trabalhadores da indústria, já que seu pai, além de serralheiro, também trabalhava consertando máquinas.

Apesar das dificuldades, seus pais, com esforço, a colocaram em uma escola particular no centro da cidade, o Colégio Alfredo Dantas. Estudar nesta escola foi muito importante para Candice, por ser a realização do sonho de seus pais e também por ter sido um ambiente que proporcionou oportunidades, como o envolvimento com a dança – uma das paixões de Candice. Esse fator, unido às suas notas, proporcionou-lhe uma bolsa de estudos, que permitiu que ela auxiliasse também seus pais financeiramente.

Após terminar os estudos, por ela sempre ter sido uma boa aluna, a expectativa externa era de que fosse para a área de Direito, mas seu desejo era fazer Jornalismo ou Letras. Então, fez o concurso para Letras na até então UFPB, e para Comunicação Social na UEPB. Passou para as duas, mas acabou se decidindo por Letras na UFCG.

Ao começar a faculdade, conheceu o professor Hélder Pinheiro. Ele a fez perceber vida na literatura, fazendo com que ela se apaixonasse pelas obras literárias, encontrando-se nela. Pouco tempo antes de terminar o curso, já lecionava em quatro escolas, concluindo a graduação em 2005. Ao terminar, começou a trabalhar em uma escola em Campina Grande, dando aula de literatura em todo o ensino médio, onde passou três anos.

Em 2007, entrou no mestrado de Literatura e Interculturalidade, na UEPB, terminando em 2009. Durante o período do mestrado, foi professora substituta de Metodologia Científica, na UFCG. Ainda no ano de 2009, surgiu o concurso do IFRN. A professora realizou o concurso, defendeu seu mestrado meses depois e, logo em seguida, no mesmo ano, foi chamada para assumir o cargo.

Na sua jornada pelo IFRN, passou pelos campi de Caicó, Santa Cruz, Nova Cruz, Canguaretama, São Gonçalo e, por fim, o Natal Central, onde está atuando nos dias de hoje. Fez doutorado na UFPE, através do qual conseguiu juntar a literatura com a linguística. Em meados de 2025, tornou-se coordenadora do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol.

Em meio a toda sua trajetória profissional, a professora relata que também possui uma trajetória artística. Visto que ela praticou tango, ballet clássico, jazz, toca violão, abê, agogô e instrumentos de percussão, é compositora, escritora e possui dois livros publicados. Ela acredita que toda essa bagagem e as experiências vividas influenciaram a forma em que ministra suas aulas.

CONHEÇA UM POUCO
SOBRE A TRAJETÓRIA DE

VIDA DA PROF.^a DR.^a VIVIANNE NASCIMENTO

Por Alexia Viana Pontes e Júlia Helena Leandro Fagundes



Vivianne Souza de Oliveira Nascimento, Licenciada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, Professora do IFRN.
Fonte: acervo pessoal da Prof.^a Dr.^a. Vivianne Souza de Oliveira Nascimento

Vivianne Souza de Oliveira Nascimento nasceu em Natal, no estado do Rio Grande do Norte. Foi criada na capital potiguar, embora sua família não seja originalmente daqui. É filha da goiana Odete Souza Aguiar, uma dona de casa, e de Walter Santana de Oliveira (in memoriam), sargento da Marinha. Durante uma transferência de seu pai para Natal, Vivianne acabou nascendo na cidade. É a filha mais nova do casal, tendo três irmãos biológicos e um adotivo.

Vivianne morou por dois anos em Natal com sua família, até que foram transferidos para o Rio de Janeiro. A mudança, porém, durou pouco tempo, e logo retornaram ao Rio Grande do Norte. Aos cinco anos, perdeu o pai em um acidente de carro, e sua mãe tornou-se a chefe da família, cuidando dos filhos sozinha.

Durante a infância, Vivianne estudou em várias escolas de seu bairro, entre elas a Escola Jardim Patinho Feio, localizada no Alecrim. Mais tarde, retornou ao bairro para cursar o oitavo ano e concluir o ensino médio no Instituto Brasil. Aos dezessete anos, ao pensar no vestibular, decidiu tentar o curso de Direito, buscando melhores condições de vida, mas não foi aprovada.

Foi então que começou a ter contato com crianças, ajudando na escola dominical de sua igreja. Nesse período, percebeu que tinha aptidão para a docência, embora ainda não se visse nessa profissão. Também passou a acompanhar um vizinho com Síndrome de Down em suas terapias, o que despertou seu interesse pela inclusão. Influenciada por essas experiências, começou a dar aulas de reforço para crianças da vizinhança e, assim, decidiu prestar vestibular para Pedagogia, sendo aprovada.

Quando iniciou sua graduação, abraçou a faculdade: era um espaço que ela amava estar. Participou de projetos de pesquisa, congressos e atividades de extensão, o que consolidou sua vocação docente.

Próximo de concluir a graduação, Vivianne foi aprovada em um concurso e passou a lecionar em sua primeira turma. Enfrentou algumas dificuldades que a fizeram questionar se realmente aquele era o seu lugar. Aos 21 anos, trabalhando em uma escola na Zona Norte, usava parte de seu salário para comprar materiais, como massinhas, e preparava aulas criativas com as crianças no chão da sala. Sua visão sobre a educação infantil era diferente da direção da escola, o que gerava conflitos. No mesmo ano em que se formou, foi aprovada no processo seletivo do mestrado. Vivianne atuou como professora substituta na UFRN, lecionou na UERN, em Assú, e conciliou o trabalho com o doutorado.

No meio de 2011, ela defendeu seu doutorado e, no final do mesmo ano, decidiu se casar. No ano seguinte, foi aprovada no concurso para lecionar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), onde trabalha atualmente. Após alcançar suas metas na vida profissional, Vivianne voltou-se para a vida pessoal e sentiu o desejo de ser mãe. Em 2012, nasceu seu primeiro filho, Pedro, e, sete anos depois, sua filha Ana Helena.

No seu tempo livre, Vivianne gosta de passar momentos com sua família: costuma assistir a filmes, ir ao teatro e ao parque, além de realizar atividades culturais com os filhos. Também pratica tênis. É uma pessoa muito caseira, prefere programações diurnas e tem uma vida social pacata, influência de sua criação em um ambiente religioso.

Dentro do IFRN, é docente do ensino superior e a disciplina com a qual Vivianne mais se sente confortável em lecionar é Fundamentos da Educação. Sua professora e orientadora de mestrado, Rosália de Fátima e Silva (in memoriam), que também lecionava a disciplina, foi a responsável por despertar seu interesse pelo tema. Rosália exerceu um papel de figura materna na vida de Vivianne, tornando-se um exemplo de mulher e profissional, transmitindo-lhe experiências e ensinamentos que sua mãe, por circunstâncias da vida, não pôde compartilhar.

No ano de 2023, Vivianne ingressou novamente em um programa de pós-graduação e passou a orientar um mestrado. Após alcançar diversas metas profissionais e pessoais, ela retomou suas pesquisas, publicando trabalhos sobre acesso, permanência e êxito estudantil, temas que sempre a instigaram dentro do campo da educação. Em 2025, iniciou um pós-doutorado, que ainda está em andamento.

Entre as ideias que mais marcaram sua trajetória acadêmica e profissional está a célebre frase de Anísio Teixeira:

“Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a escola pública”.

Vivianne carrega essas palavras como uma inspiração e um lembrete constante de que a transformação social começa pela educação e que o compromisso com a escola pública é, acima de tudo, um compromisso com a democracia e com o futuro do país.

ENTREVISTAS

O CAMINHO PARA A INCLUSÃO, SEGUNDO MARIA CLARA DINIZ DO NASCIMENTO: UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE A INCLUSÃO E A CONVIVÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

Por Maria Clara Diniz do Nascimento, Vanessa Caroline de Oliveira Macedo e Verônica de Oliveira Maciel



Maria Clara Diniz do Nascimento
Fonte: acervo pessoal de Maria Clara Diniz do Nascimento

A experiência acadêmica é moldada por diversos fatores, e para estudantes com deficiência visual, a acessibilidade e o apoio dos colegas e da instituição são cruciais. Conversamos com Maria Clara Diniz do Nascimento, de 26 anos, que é licenciada em Física, e atualmente é estudante do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol no IFRN campus Natal-Central. Nossa conversa com Maria Clara tinha como objetivo lançar um olhar mais sensível para entender melhor suas necessidades e visões sobre o ambiente universitário.

Durante a entrevista, Maria Clara aborda desde a importância da colaboração até as melhorias que sua instituição ainda precisa fazer na área da inclusão. A seguir, estão apresentadas as respostas de Maria Clara para alguns questionamentos que fizemos, que refletem uma busca por um ambiente acadêmico verdadeiramente acolhedor e funcional:

1. O que seus colegas de turma poderiam fazer para sua experiência ser melhor?

Maria Clara: "Penso que, no decorrer do curso, eles poderiam, de repente, se reunir para fazer um

projeto de gravação de podcasts, porque a voz robotizada não é a mesma que a voz humana. Poderíamos também nos reunir para fazermos as atividades. Por exemplo, quando há alguma atividade na sala que a professora passa e não está acessível para eu fazer a leitura, eles poderiam ler para que eu pudesse responder [...]. Mas digo que poderiam perguntar: 'O que posso fazer para ajudar?' Isso seria algo fundamental [...]. Vejo que muita gente quer ajudar, mas não chega até mim, não pergunta nada. Ou seja, fica sem saber como ajudar."

2. Que tipos de recursos ou tecnologias você acha que ajudariam a tornar o aprendizado mais acessível e interessante?

Maria Clara: "Uma tecnologia que eu usava na Física, mas, infelizmente, agora a instituição perdeu a licença, era um aplicativo que transformava texto em áudio (TextAloud). Ficava tipo uma música de MP3, mais ou menos assim."

3. Que tipo de apoio ou acompanhamento faz diferença para você no dia a dia escolar?

Maria Clara: "Na verdade, eu não tenho muito apoio [institucional direto]. Tenho o pessoal lá do núcleo (Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas – NAPNE), que adapta os materiais, mas sinto que na Física meus colegas eram bem inclusivos [...]. Na sala, tenho o apoio do Léo (colega de classe), que geralmente faz as leituras de alguns textos para mim, e o Cláudio (colega de classe), convertendo materiais de formato inacessível para acessível [...]. Atualmente, preciso de monitor em Fonética, o auxílio é com as leituras e as transcrições, porque eu faço as atividades, às vezes sozinha, mas preciso de alguém para colocar no Word, pois faço pelo celular."

4. O que você mais gosta na sua escola atual e o que gostaria que fosse diferente?

Maria Clara: "Gosto de várias coisas: do ensino dos professores, da interação com os colegas e de tomar aquele velho cafezinho (hahaha). O que eu gostaria de ter — e tenho certeza que isso vai acontecer — é ter vários cursos de formação continuada no âmbito da educação inclusiva".

5. Como você gostaria que fossem seus materiais didáticos?

Maria Clara: "É, o rapaz ou a dona do núcleo de apoio já deixa em formato Braille ou em PDF."

6. Se pudesse criar um projeto especial na escola, voltado para a inclusão, qual seria e por quê?

Maria Clara: "Um projeto de criação de podcasts para facilitar a leitura."

7. Se pudesse dar um conselho para os professores sobre como ensinar melhor alunos com deficiência visual, qual seria?

Maria Clara: "Acredito que fazendo um curso de capacitação na área da inclusão. Mas um conselho que eu dou é deixar os materiais em formato acessível e fazer a descrição de imagem, quando ti-

ver."

8. O que significa, para você, estudar em um lugar verdadeiramente inclusivo?

Maria Clara: "Então, eu não sei o que significa, pois nesse ambiente (com as atuais limitações)... Um ambiente verdadeiramente inclusivo ainda não existe."

9. Que mensagem gostaria de deixar para a comunidade na qual você estuda?

Maria Clara: "Sinto que nossa instituição ainda tem muito que evoluir na área da inclusão."

A história de Maria Clara nos faz perceber que a inclusão no Ensino Superior vai muito além de cumprir normas ou oferecer recursos tecnológicos – trata-se de cultivar sensibilidade, escuta e compromisso coletivo. Sua fala revela que a verdadeira acessibilidade nasce das relações humanas, quando colegas e professores se dispõem a compreender as necessidades do outro e a caminhar juntos. Incluir é reconhecer que cada pessoa aprende de um jeito e que a diversidade é o que torna o ambiente inclusivo.

FORMAR PARA A VIDA: O OLHAR DA PROF.^a DR.^a RAQUEL SERRÃO SOBRE A DOCÊNCIA NO IFRN

Por Mateus Alves Faustino e Samuel de Souza Silva



Prof.ª Dr.ª Raquel de Araújo Serrão
Fonte: acervo pessoal de Raquel de Araújo Serrão

No IFRN – Campus Natal Central, a educação vai além da transmissão de conteúdos. A professora doutora Raquel de Araújo Serrão, com mais de 23 anos de experiência em Letras, afirma que ensinar é transformar vidas, integrando ética, cidadania, cultura e pensamento crítico. Para ela, formar um estudante significa prepará-lo como ser humano completo, e não apenas como profissional técnico.

Essa abordagem se materializa em projetos de extensão, olimpíadas acadêmicas e cursos de línguas voltados ao turismo, permitindo que os alunos vivenciem experiências práticas e culturais. Segundo Raquel Serrão, essas atividades aproximam o ensino da vida real e ajudam os estudantes a perceberem seu próprio potencial e impacto social.

Abaixo, a professora detalha sua trajetória e sua visão sobre a instituição:

Sua motivação é "transformar vidas", mas essa nem sempre foi sua primeira opção. Como foi sua transição do Direito para a docência?

A professora relata que sua motivação para seguir a carreira docente surgiu do desejo de transformar vidas. Inicialmente, ela ingressou no curso de Direito e, apesar do bom desempenho acadêmico, não se via atuando na área. Essa decisão de abandonar o curso gerou grande resistência familiar, já que representava uma ruptura com o que a sociedade costuma considerar uma carreira de prestígio. Contudo, ela percebeu que o que realmente considerava relevante era o aspecto humano da profissão.

Embora o Direito pertença às ciências humanas, a professora afirmava não conseguir enxergar o elemento humano em sua prática jurídica. Foi inspirada por alguns de seus melhores professores – especialmente aqueles que haviam deixado a advocacia para se dedicar ao magistério – que ela começou a perceber o poder transformador da docência. Para ela, o professor é aquele que conduz o desenvolvimento humano, independentemente do conteúdo que ensine.

Sua escolha profissional também foi influenciada por suas origens familiares: vinda de uma família de docentes da Paraíba, filha de uma professora de Geografia da rede pública e ex-aluna desse mesmo sistema, ela cresceu em um ambiente profundamente ligado à educação.

Com 23 anos de sala de aula, quais momentos marcantes dessa trajetória você guarda com mais carinho?

A professora destaca vários momentos marcantes, como ver ex-alunos seguirem o caminho da literatura, tornarem-se mestres e doutores, e outros que ainda hoje demonstram carinho e gratidão. Ela menciona especialmente os casos de estudantes negros e negras que, por meio de suas aulas,

fortaleceram sua identidade e consciência racial. Para a docente, essas experiências comprovam que o maior valor do ensino está em contribuir para a formação integral do ser humano – algo que, segundo ela, nenhum retorno financeiro poderia compensar.

Como a senhora avalia o papel do IFRN Campus Natal Central na formação profissional e humana dos estudantes, especialmente diante dos desafios atuais da educação pública no Brasil?

Ela descreve o IFRN – Campus Natal Central como uma instituição marcada pela complexidade e diversidade de níveis de ensino, abrangendo desde a formação básica até cursos técnicos, tecnológicos e de licenciatura. Essa estrutura exige um compromisso constante com a formação integral do ser humano, indo além da simples preparação profissional. O objetivo da instituição, conforme sua visão, é formar indivíduos conscientes de sua função cidadã, ética, moral e técnica.

Ela observa que, apesar das limitações e desafios característicos da educação pública brasileira, como os frequentes cortes de verbas, o IFRN mantém um esforço coletivo notável. Professores, técnicos, gestores e demais membros da comunidade acadêmica se unem para superar as dificuldades e garantir a continuidade de uma educação de qualidade.

Quais iniciativas ou projetos desenvolvidos pelo IFRN Natal Central a senhora considera mais relevantes para aproximar o ensino da realidade do mercado de trabalho e das demandas sociais locais?

A professora explica que, no âmbito das licenciaturas, há um esforço constante para unir teoria e prática. Ela destaca que dessa integração surgem diversos projetos de extensão voltados principalmente às escolas públicas, abrangendo áreas como geografia, matemática, português e literatura. Um exemplo é o projeto que ela própria coordena, voltado à promoção da leitura literária entre alunos da rede pública.

Além desses projetos, a instituição acolhe iniciativas como o PIBID e o PIBIC, que fortalecem o vínculo entre o IFRN e a sociedade. A professora observa que esse engajamento se reflete também em atividades como as olimpíadas estudantis, nas quais os alunos do ensino integrado demonstram protagonismo.

Em relação à conexão com as demandas sociais, a docente cita o exemplo do projeto desenvolvido pela professora Maria Trinidad Velasco, no curso de Língua Espanhola. Nesse projeto, alunos da licenciatura oferecem aulas a profissionais do setor de turismo (como bugueiros e comerciantes), para aprimorar a comunicação com estrangeiros.

Como a senhora enxerga a evolução do ensino téc-

nico e tecnológico ao longo dos seus 16 anos na instituição?

A professora relata que atua na licenciatura em Letras, com foco em literatura e cultura. Embora não leccione disciplinas técnicas, ela percebe que o IFRN, ao longo de sua história, passou de uma formação essencialmente técnica (originada nas Escolas de Artífices) para um modelo de ensino mais integral, que busca desenvolver o profissional como um ser humano completo.

Ela observa que, apesar de pressões externas, como cortes de disciplinas de humanas, há um esforço institucional para valorizar o desenvolvimento humano, crítico e cultural dos estudantes. Em suas aulas, procura unir a técnica (estrutura de um poema) ao conteúdo (contexto cultural), incentivando os alunos a perceberem que a educação deve ir além da repetição, formando indivíduos reflexivos.

Como a senhora percebe o compromisso do IFRN com a inclusão e a diversidade?

A professora explica que o IFRN desenvolve ações por meio de núcleos especializados, como o NAPNE (Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas) e o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas), além de núcleos que discutem direitos humanos e de gênero. Ela ressalta, no entanto, que ainda há muito a avançar, pois o contexto social não está completamente preparado para receber alunos com diferentes necessidades. A docente destaca que a inclusão não deve ser entendida como "igualdade" absoluta, mas sim como "equidade" – reconhecendo e trabalhando as diferenças para que cada aluno, típico ou atípico, possa se desenvolver adequadamente.

ARTIGO DE OPINIÃO

O DESPREZO DOS DIREITOS INCLUSIVOS NO COTIDIANO ESTUDANTIL E SUA INVISIBILIDADE CONSENTIDA

Por Cláudio Manuel Cao Gonzalez, Felipe Jailton da Silva e Maria Laura de Souza da Silva

Em pleno século XXI, falar de inclusão ainda é um ato de resistência. O discurso institucional sobre diversidade se multiplicou, mas a prática cotidiana revela contradições que desafiam o princípio constitucional da igualdade. No ambiente escolar, especialmente em instituições públicas de excelência como o IFRN, a questão da inclusão ultrapassa o plano das boas intenções: trata-se de um direito fundamental negligenciado, muitas vezes, pela omissão si-

lenciosa da comunidade.

No convívio diário dos campi, a invisibilidade dos estudantes com deficiência ou em vulnerabilidade social é perceptível. Ela não se expressa apenas pela falta de rampas, intérpretes ou tecnologias assistivas – mas por uma ausência simbólica, um apagamento nas relações humanas. Essa “invisibilidade consentida” não é apenas estrutural; é também cultural. Todos percebem, mas poucos se mobilizam. Como já destacou Ligyanne Karla de Alencar (PPGEP/IFRN, 2017), o IFRN possui ações inclusivas no ensino, pesquisa e extensão, mas elas “ainda se mostram tímidas” e carecem de melhor articulação entre gestão, docentes e discentes.

Enquanto comunidade acadêmica atenta às discussões institucionais – e representada em órgãos como a Comissão Própria de Avaliação (CPA) – reconhecemos avanços significativos em políticas de acessibilidade e atendimento inclusivo. Entretanto, é necessário admitir que o desafio não está apenas em criar políticas, mas em torná-las cultura institucional. A inclusão não pode depender do entusiasmo individual de professores ou coordenadores de NAPNEs: deve constituir-se como compromisso coletivo, incorporado ao ethos do campus.

Sob a ótica jurídica e ética, o desprezo aos direitos inclusivos configura violação de princípios constitucionais e educacionais, pois fere a igualdade material e o dever do Estado de assegurar condições equitativas de aprendizagem. Mas, mais que uma questão normativa, trata-se de um problema de sensibilidade social. Quando o corpo estudantil naturaliza a exclusão, a escola trai seu próprio projeto civilizatório.

A pedagogia inclusiva não se limita à adaptação física do espaço, mas à formação de um olhar capaz de reconhecer o outro em sua diferença. Esse é o sentido político e humano da educação: formar cidadãos críticos, empáticos e responsáveis pela transformação do meio em que vivem. A indiferença, quando institucionalizada, torna-se cumplicidade.

Por isso, defender a inclusão é também exercer cidadania ativa dentro do campus. É compreender que cada barreira derrubada – seja arquitetônica, pedagógica ou simbólica – aproxima o IFRN de sua missão histórica: ser um espaço público de excelência e de justiça social.



Fonte: acervo pessoal de Cláudio Manuel Cao Gonzalez

A inclusão não é um favor. É um direito. E ignorá-la é perpetuar a injustiça.

JORNALISMO LITERÁRIO CRÔNICAS

SE NÃO TEM BOLO, QUE COMAM BOLACHAS

Por Gabriel José Gomes Peixoto, Maria Eduarda Bezerra de Medeiros e Yasmim Silva Alves de Freitas

Maria acordou com o típico barulho do alarme que insistia em sair do seu celular, estampando na tela o horário exato: 05h00. Meio confusa, ainda com resquícios de sono por ter passado a noite anterior em claro, lutando contra uma atividade que deveria ser entregue até às 23:59 no Google Sala de Aula, ela piscou várias vezes e disse para si mesma: “- Hoje é quinta-feira, dia de bolo! -”. Um pensamento doce o suficiente para suavizar o peso da madrugada mal dormida e bom o suficiente para levar um pouco de esperança ao seu dia.

Mas a esperança não dura muito quando se mora no interior. Correndo para não perder o ônibus, Maria trombou com um cachorro que atravessava a rua no momento errado, quase derrubou a bolsa e gritou na esperança de que o motorista a esperasse. O jovem que dirigia piscou para ela com aquele ar de quem diz: “Ou corre, ou fica”.

Ao chegar ao IFRN, ainda sonolenta, a estudante parou diante da catraca de entrada do portão principal. Um carro se aproximava lentamente. O vidro embaçado desceu revelando um par de olhos negros, tão enigmáticos quanto os de Capitu, olhos que a julgavam por completo. Era o professor mais temido do campus. Ele nem sequer deu-se o trabalho de dissimular. Sem esboçar um sorriso, seguiu seu caminho, deixando a aluna com um calafrio e um pressentimento estranho.

Maria seguiu seu caminho, encontrou com os amigos que conversavam nas rosquinhas e que, inevitavelmente, começaram a falar sobre o assunto mais importante do dia - o famoso bolo do lanche -. A coisa mais importante de uma quinta-feira. “- Será que é de chocolate? Ou será bolo de ovos? -” dizia um, enquanto outro afirmava: “- Se não tiver suco para acompanhar, não vale! -”. Todos riram, planejaram estratégias para chegar primeiro no refeitório e torceram para que a aula do professor acabasse logo.

Quando avistaram o professor vindo ao longe e ouviram o toque alertando o começo do segundo horário, alguém cochichou: “- Lá vem ele, o carrasco! -”. O grupo se dispersou como folhas ao vento, todos entraram na sala rapidamente, e junto a eles, um silêncio sepulcral tomou conta do ambiente. A aula começou, pesada e monótona, com o professor distribuindo as atividades como se fossem enigmas de um antigo ritual acadêmico.

Enquanto a jovem e os colegas terminavam de escrever e entregavam suas tarefas, a ansiedade crescia. Em seu pulso o relógio já marcava 15h57. Podia ser velho e estar trincado, mas ainda marcava a hora certa e só isso importava. Ainda faltavam três minutos para o lanche – minutos esses que se arrastavam mais do que uma tartaruga cansada.

15h58.

15h59.

Todos sentiam o peso que aqueles breves minutos tinham em sua estratégia.

E então, como se sentisse o desespero coletivo, o mestre do terror acadêmico sorriu de canto e lançou o desafio: “- Vou liberar a turma apenas se me fizerem a transcrição fonética da palavra "bolacha". Será bom para treinar a paciência de vocês.” Maria quase desmaiou. 16h00 em ponto. Tomada por um sentimento de coragem, ela pegou o piloto da mão do professor e escreveu em letras garrafais no imenso quadro de vidro: "[bu'la.ʃa]". Soltou o marcador como quem larga uma espada após a batalha e disparou pelos corredores, ziguezagueando entre colegas, escadas e obstáculos invisíveis.

Chegando ao refeitório, enfrentou a fila como uma guerreira. O QR Code não funcionava. Digitou o número da matrícula errado. Tentou de novo. Suou frio. Finalmente, acesso liberado. Sorriu. Vitória. O pesar foi que sua alegria durou exatamente o tempo de olhar na direção das bandejas. O que a esperava? Não era bolo. Nem um vestígio de bolo. Apenas bolachas, secas e sem qualquer aviso prévio.

Maria olhou para os amigos, abriu a boca para reclamar, mas desistiu. Riu. Riu de si mesma, do dia, do professor e, claro, da vida acadêmica que sempre tinha surpresas guardadas. Quinta-feira, dia sagrado do bolo? Seria só bolacha mesmo. Mas com humor, amigos e histórias para contar, ainda valia a pena.

O BARULHO DO SILÊNCIO E A RESISTÊNCIA DO PAPEL

Por Ana Beatriz Ferreira dos Santos, Brenda Pinheiro da Silva e Victor Gabriel Vasconcelos Albuquerque

Dizem que a tecnologia silenciou o mundo, tornando tudo leve, rápido e digital. Grande piada! Se você é estudante de Letras no IFRN e carrega uma mochila que pesa mais do que sua média final, sabe que o silêncio tem um som bem específico: é o *creck* da coluna vertebral se ajustando, e o sussurro melancólico do prazo se esgotando.

No meio dessa orquestra de prazos e cafeína, o universo digital jurou trazer leveza, praticidade e menos papel, mas entregou apenas mais notificações e olheiras. A verdade é que o papel, esse ser humilde, dobrável, amassável e,

francamente, indestrutível trava uma guerra silenciosa, mas teimosa, nas nossas vidas estudantis.

Ele simplesmente se recusa a ser extinto! Resiste em forma de apostilas, rascunhos e TCCs que, sozinhos, poderiam replantar uma floresta. É o verdadeiro Capitão América das mídias: sobrevive ao tempo, às modas tecnológicas e às promessas do “sem papel”.

Aos colegas sobreviventes da Era do Ctrl+C e Ctrl+V, deixo o aviso: preparem os ombros, alonguem o pescoço e sigam firmes. Porque, enquanto houver tinta, haverá resistência. O papel não apenas resiste; ele persiste como um erro analógico no nosso sistema operacional acadêmico. Ele é o download que nunca termina, o backup de emergência que salva o dia quando a bateria do tablet decide tirar férias. E, convenhamos, nada supera a satisfação primitiva de amassar um rascunho de um parágrafo que não deu certo.

Por isso, prezado colega, da próxima vez que você sentir o peso da mochila lembre-se: não é só peso, é resistência. É a voz silenciosa da matéria acumulada, te lembrando que nem tudo se resolve com um clique. É o *creck* da sua coluna se sacrificando para que a literatura, em sua forma mais tangível, sobreviva. E se a sua consciência perguntar se você realmente precisava imprimir aquele PDF de 300 páginas... bem, finja que não ouviu. O silêncio, afinal, é ensurdecedor.

E é sobre essa heroica e pesadíssima resistência do papel, e sobre o barulho ensurdecedor de um mundo que se diz silencioso, que esta crônica se propõe a falar.

O papel aparece no imaginário do estudante moderno bradando em voz triunfante: “Eu sou inevitável!”, e de fato, isso é uma realidade, carregada com todo o peso de uma tradição bimilenar (Isso considerando apenas o tempo em que os códices foram inventados), com isso, vejamos a diferença do tempo de existência do papel e dos primeiros smartphones, tablets, notebooks etc. Pois é, ainda que as novas tecnologias ocupem um espaço cada vez maior nas nossas vidas, ainda temos por companhias os caderninhos, as agendinhas, os post-its coloridinhos, sempre facilitando a vida das nossas cabeças cheias de conteúdo para fixar e problemas pra resolver.

Alguns professores do IFRN já ressaltaram em suas aulas que não querem os alunos tirando foto do quadro, **em vez de** copiarem o conteúdo no caderno, pois isso estimula a preguiça e a falta de fixação do conteúdo, então saiba, caro colega, se você é adepto das fotinhas que “economizam” tempo, alguns professores não vão facilitar sua vida, eles querem que você seja um agente ativo no ensino, e isso se dá com caneta e lápis tendo um encontro amigável com o papel no restaurante chamado “caderno” .

No fim das contas, o papel nunca quis competir com a tecnologia – ele só quer continuar existindo, mesmo que seja empilhado no fundo da mochila ou esquecido em alguma gaveta junto com um grampo enferrujado e um sonho de férias. E, convenhamos, ele consegue. Enquanto os sistemas travam e os links expiram, lá está ele: firme, dobrado, manchado de café, mas sobrevivente.

Talvez a verdadeira revolução digital seja aceitar que o pa-

pel venceu por cansaço. Ele não precisa de atualização, de senha ou de Wi-Fi. Só precisa de um canto da mesa e um estudante desesperado. Talvez, um dia, o mundo realmente se torne totalmente digital. Mas até lá, estaremos nós, estudantes de Letras, imprimindo “só mais um textinho” e fingindo surpresa com o peso da mochila. Porque a verdade é simples: o papel não acabou.

CHARGES

Por Camily Fernanda da Silva da Cunha

A charge aborda a falta de acessibilidade para pessoas cegas em ambientes escolares. A obra foi inspirada em uma situação real vivida pela estudante Maria Clara, aluna com deficiência visual do IFRN.



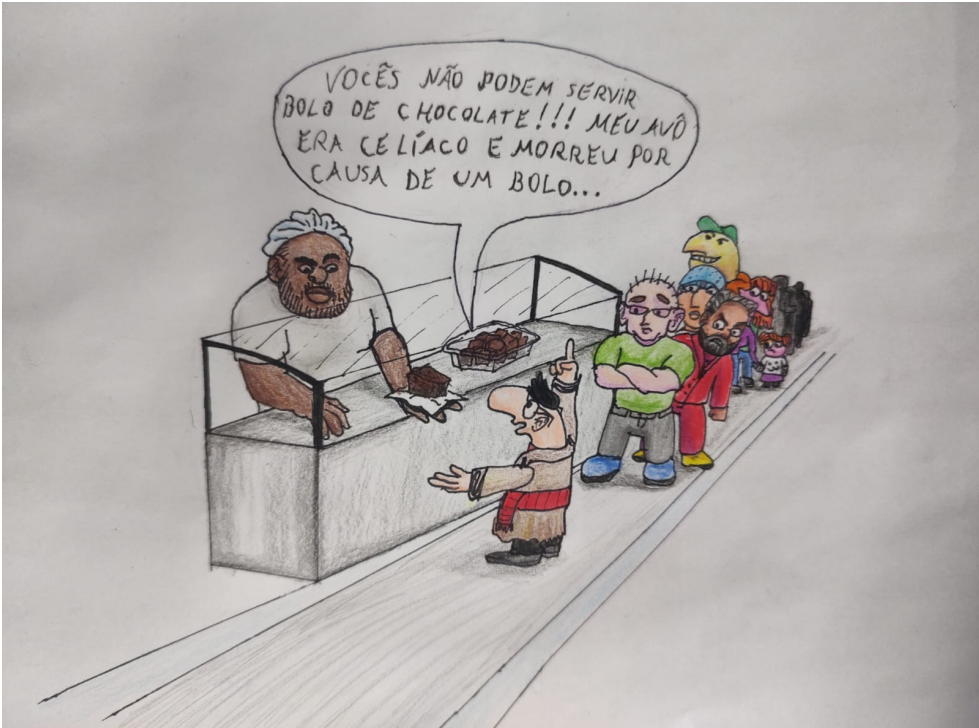
Fonte: Camily Fernanda da Silva da Cunha

A cena retrata a estudante prestes a passar por um corredor interditado, sendo auxiliada por uma colega que percebe o risco. O problema destacado é que o local estava sinalizado apenas com cones e faixas amarelas e pretas, recursos exclusivamente visuais e, portanto, ineficazes para quem não pode enxergar.

O intuito da charge é provocar uma reflexão sobre como a acessibilidade ainda é tratada de forma superficial. A inclusão não deve se limitar a avisos visuais, mas sim envolver estratégias que garantam segurança e autonomia para todos.

A obra busca chamar atenção para a importância de uma comunicação acessível e de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo, onde ninguém dependa da sorte ou da boa vontade de outros para se proteger.

Por Ellen Vitoria Marreiro de Castro, Euclides Guedes de Moura e Hudson Gabriel Rocha de Almeida



Fonte: Ellen Vitoria Marreiro de Castro, Euclides Guedes de Moura e Hudson Gabriel Rocha de Almeida

A charge usa o humor para satirizar pessoas que buscam um protagonismo indevido. Isso fica evidente no personagem que, de forma incoerente, projeta uma dor herdada – o problema de saúde do avô – sobre o coletivo. Ao tentar interromper o serviço para todos na fila, ele transforma uma restrição particular em um transtorno público, expondo a falta de senso comum de sua exigência.

TIRINHAS

A VIAGEM INESPERADA

Por Ana Carolina Lima da Silva



Fonte: Ana Carolina Lima da Silva

O DIA DO BOLO

Por Ada Luiza Silveira Rosales e Janine Kainara Massena de Brito



POEMA

RECEITA DE UM DIA NO IFRN

Por Rayssa Carolina Costa Alves

É um café quente e apressado, que ajuda o amigo,
corpo cansado
É o sol de Natal brigando com o ônibus lotado,
e a mochila pesando nos ombros fatigados.

É a aula das 13h que chega atrasada,
mas o coração ainda bate no perdão da professora amada
É um trabalho em grupo que vira novela,
e a fila do lanche é a Fera da Bela.

É a prova que dói, mas ensina,
o zero que cura vaidade ferida
É a fome que se esquece na cantina, o brownie é a
sensação das Rosquinhas.

É amor em forma de estruturas de concreto e acervo,
um lugar cheio de versos
É poesia escondida no quadro em branco
É a loucura mansa de quem não desiste da luta
No IFRN, até um erro é acerto.

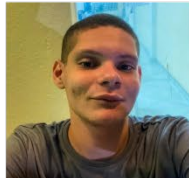
EQUIPE DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA



Professora Doutora Andrezza Maria do Nascimento Tavares
Jornalista Chefe do Jornal IFRN NEWS



Stênia Raquel da Silva Câmara
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN
Editora-Chefe da 7ª Edição do Jornal IFRN NEWS



João Victor Silva da Costa
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN
Editor Adjunto da 7ª Edição do Jornal IFRN NEWS



Jonas de Souza Barbosa
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN
Revisor de Texto da 7ª Edição do Jornal IFRN NEWS

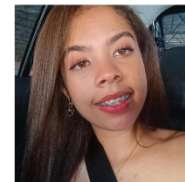
EQUIPE DE REDAÇÃO



Ada Luiza Silveira Rosales
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Adriano Justino dos Santos
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN



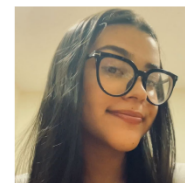
Alexia Viana Pontes
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Alison Antunes Ramos
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN



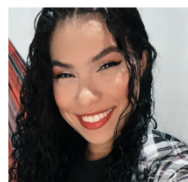
Ana Beatriz Ferreira dos Santos
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



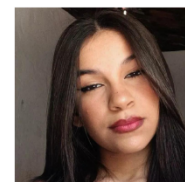
Ana Beatriz Shammar Lima da Silva
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



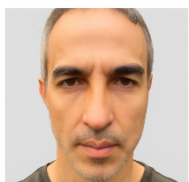
Ana Carolina Lima da Silva
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Brenda Pinheiro da Silva
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Camily Fernanda da Silva da Cunha
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Cláudio Manuel Cao Gonzalez
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN



Ellen Cristina Ramos da Rocha
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Ellen Vitoria Marreiro de Castro
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



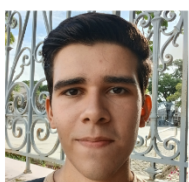
Euclides Guedes de Moura
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN



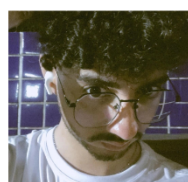
Evllyn Monique Araújo de Lima
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Felipe Jailton da Silva
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN



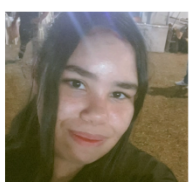
Gabriel José Gomes Peixoto
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN



Hudson Gabriel Rocha de Almeida
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN



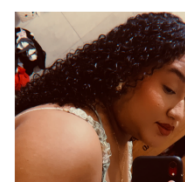
Ingryd Yasmin Pereira Soares da Silva
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Janine Kainara Massena de Brito
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



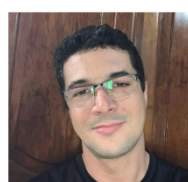
Jessica Natalia Lima Ferreira
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Júlia Helena Leandro Fagundes
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



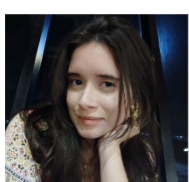
Kesia Larissa da Luz Ovidio Silva
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Leonardo Santos Tomé
Licenciando em Letras Português/Espanhol do IFRN



Maria Clara Diniz do Nascimento
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Maria Eduarda Bezerra de Medeiros
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Maria Emanuele dos Santos Faustino
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Maria Heloyza Dias de Souza
Licencianda em Letras Português/Espanhol do IFRN



Maria Laura de Souza da Silva
Licencianda em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Maria Suelane Andrade dos Santos
Licencianda em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Mateus Alves Faustino
Licenciando em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Narielle Valéria da Silva
Licencianda em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Poliana Raquel dos Santos Silva
Licencianda em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Rayssa Carolina Costa Alves
Licencianda em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Samuel de Souza Silva
Licenciando em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Vanessa Caroline de Oliveira Macedo
Licencianda em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Veronica de Oliveira Maciel
Licencianda em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Victor Gabriel Vasconcelos Albuquerque
Licenciando em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Vitoria Oliveira da Silva
Licencianda em Letras
Português/Espanhol do IFRN



Yasmim Silva Alves de Freitas
Licencianda em Letras
Português/Espanhol do IFRN